

Francos, romanos e a emergência da dinastia merovíngia nas Gálias: um estudo de caso do rei Quílderico (século V)

Franks, Romans, and the emergence of the Merovingian Dynasty in Gaul: a case study of King Childeric (5th Century)

Anderson Leonardo Vaz Stein*

Resumo: O presente artigo apresenta um estudo de caso sobre a constituição do reino franco merovíngio nas Gálias, no século V, a partir da análise de evidências vinculadas ao rei Quílderico, morto em 481. Para tanto, lançamos mão de um corpo documental composto de evidências escritas, datadas sobretudo no século VI, mas também de dados arqueológicos relacionados à cerimônia de enterramento do referido monarca. A análise das evidências, em conjunto com a historiografia, reconstrói Quílderico como um governante em meio a influências romanas e germânicas, responsável pela formação de um reino a partir da Bélgica Segunda por meio de conflitos e cooperações com forças locais e o Império Romano. Por outro lado, sua cerimônia de enterramento, ricamente adornada aos moldes de líderes germânicos, sinaliza que sua legitimidade e a de seu sucessor estavam ancoradas na manifestação de uma autoridade guerreira de tradição não romana.

Abstract: This article presents a case study on the formation of the Merovingian Frankish kingdom in Gaul during the fifth century through an analysis of evidence related to King Childeric I, who died in 481. To this end, it draws on a body of documentary material composed of written sources, mostly dating from the sixth century, as well as archaeological data associated with the burial ceremony of the aforementioned monarch. The analysis of this evidence, considered together with the historiography, reconstructs Childeric as a ruler operating amid both Roman and Germanic influences, responsible for the formation of a kingdom based in Belgica Secunda through conflicts and cooperation with local forces and the Roman Empire. On the other hand, his richly adorned burial ceremony, modeled on those of Germanic leaders, suggests that the legitimacy of his rule and that of his successor was grounded in the display of a warrior authority rooted in a non-Roman tradition.

Palavras-chave:
Reino Merovíngio;
Quílderico;
etnogênese.

Keywords:
Merovingian
Kingdom;
Childeric;
ethnogenesis.

Recebido em: 04/08/2025
Aprovado em: 15/10/2025

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Membro do *Repertorium* – Laboratório de Estudos Medievais.

Considerações iniciais

Quilderico é uma das figuras históricas mais importantes para a compreensão da monarquia merovíngia. Primeiro rei desta dinastia com evidências históricas consistentes, é provável que o maior legado deixado pelo monarca não tenha sido um feito próprio em vida, mas o fato de ser o genitor de Clóvis. Este último, personagem central para a construção da identidade nacional francesa, considerado o responsável pela unificação das tribos francas e precursor das raízes da França moderna.¹ Não obstante, a figura de Quilderico é dotada de uma característica que poucos líderes tardo-antigos ou medievais possuem, o que faz com que a historiografia das últimas décadas tenha revisitado, de modo recorrente, sua trajetória.

Curiosamente, ao longo das gerações, estudiosos têm sido agraciados com a descoberta de novas evidências diretamente relacionadas a Quilderico, o que, por óbvio, suscita novos debates acerca dos seus feitos e de seu impacto para a reorganização da Europa em fins do Império Romano. Notadamente, um conjunto de documentações escritas datadas principalmente do século VI insere o rei como partícipe dos eventos iniciais da dinastia merovíngia. No século XVII, em 1653, a descoberta do túmulo de Quilderico, nas imediações da Igreja de Saint-Brice, em Tournai, trouxe à tona uma série de artefatos que enriquecem o conhecimento sobre o tema. Recentemente, na década de 1980, novas pesquisas arqueológicas revelaram outros achados vinculados ao enterramento do rei merovíngio.

Nesse cenário, destaca-se que a historiografia merovíngia foi amplamente influenciada pelas disputas nacionalistas dos séculos XIX e XX, sobretudo entre as escolas convencionalmente denominadas "germanista" e "romanista". Por consequência, tais correntes de pensamento tenderam a avaliar de modo positivo ou negativo a instalação da dinastia merovíngia nas Gálias do século VI, sob o pressuposto da interpretação dos francos como essencialmente "germânicos" e sua suposta relação étnica com o Estado nacional alemão moderno.² Stéphane Lebecq (2006, p. 276-279) demonstrou como

¹ Referências ao período merovíngio, ao longo dos séculos XIX e XX, foram amplamente utilizadas a fim de justificar movimentos nacionalistas. Nesta seara, Patrick Geary (2006, p. 30-32), ao debater a existência de uma crise de identidade na Europa, afirmou que a leitura do período de dissolução do Império Romano e das migrações "bárbaras" tem sido suporte para discursos políticos em grande parte da Europa. Além disso, Geary recordou os usos políticos da figura histórica de Clóvis através do discurso político nacionalista de Jean Marie Le Pen, na década de 1990, quando afirmou: "o povo francês nasceu com o batismo de Clóvis em 496, que tem carregado consigo a chama inextinguível, que é a alma de um povo, por quase mil e quinhentos anos".

² Marcelo Cândido da Silva (2008), na introdução da obra *A realeza cristã na Alta Idade Média*, apresenta um balanço historiográfico sobre a questão. A querela pode ser percebida a partir do século XIX, quando eruditos alemães publicaram as primeiras edições modernas do *corpus* documental relativo à formação dos reinos germânicos. Tais editores interpretavam a ascensão dos povos germânicos como a vitória de um povo virtuoso em face de um Império

Quilderico também figurou no centro de debates enviesados. Neste caso, a documentação a ele atribuída foi utilizada ora para defini-lo como “bárbaro” dissidente, ora como um líder federado a serviço do Império. Em última instância, Lebecq destacou que a historiografia recente, a partir da década de 1990, tem tendido a enfatizar as duas faces do monarca, como líder militar germânico investido também de poderes imperiais.³

Nossa proposta, neste artigo, reside em apresentar ao público um quadro geral da documentação existente acerca de Quilderico, com ênfase na relação entre o rei, os romanos e a consequente formação do reino franco merovíngio. Embora enfatizemos evidências que podem classificá-lo como romano ou germânico, não propomos uma definição étnica para tal personagem, conscientes da problemática de tais definições e das múltiplas influências às quais o rei estava sujeito. Em outra medida, discutimos como as fontes a ele referentes foram construídas, cada qual a seu tempo, de modo a adequar a apresentação da figura de Quilderico aos propósitos de legitimação do *regnum francorum*.

Aspectos gerais da etnogênese franca

A emergência da dinastia franca dos merovíngios, no século V, se insere em um contexto amplo de reorganização política da Europa Ocidental e do norte da África. Por meio da inserção de novas lideranças militares, que passaram a controlar territórios antes constituintes do Império Romano do Ocidente, instituições políticas essas conhecidas como reinos germânicos, haja vista a origem de tais populações, ou mesmo reinos “bárbaros”, haja vista a conotação negativa implicada pelos romanos em face desses grupos. Nas últimas décadas, a historiografia tem problematizado cada vez mais a relação entre romanos e não romanos, neste recorte temporal, a partir de estudos de etnogênese, marcadores étnicos como “romanos” e “francos” têm se mostrado limitados e passíveis de discussão.⁴ Sendo as categorias étnicas construídas e reconstruídas historicamente e utilizadas como recursos estratégicos por grupos ou indivíduos em variáveis contextos.

decadente. Historiadores franceses do mesmo período, em outra perspectiva, defenderam que a prevalência de elementos germânicos no período significou uma brutal regressão política para as Gálias. O autor adverte, contudo, que não se pode separar por absoluto a historiografia como “romanista” ou “germanista” e destaca, sobretudo a partir do século XX, trabalhos que tentaram romper com linhas restritas de interpretação (Cândido da Silva, 2008, p. 18-27).

³ Dentre as interpretações recentes, há o exemplo da obra *The Merovingian Kingdoms, 450–751*, de Ian Wood, publicada em 1994.

⁴ O termo *etnogênese* foi internacionalmente popularizado pelo historiador Herwig Wolfram. A partir do conceito de *Traditionskerne* (“núcleos de tradição”). Wolfram argumentou que diferentes grupos “bárbaros” não possuíam origem com base em traços genéticos comuns, mas se tratava de um constante agrupamento e reagrupamento de grandes grupos em torno de núcleos de tradição vinculados a aristocracias guerreiras. Nesse aspecto, portanto, verifica-se a fluidez nas diferentes identidades étnicas de grupos germânicos (Kulikowski, 2008, p. 70-71). Dentre as obras de Wolfram (1997), *The Roman Empire and its Germanic peoples*, exemplifica o pensamento do historiador.

Nesses termos, a relação entre romanos e não romanos também tem sido rediscutida. Se antes a historiografia tendia a entender a relação entre romanos e não romanos sob a ótica do conflito, ou das “invasões bárbaras”, cada vez mais tem se enfatizado a relação de cooptação e interação entre romanos e lideranças germânicas (Machado, 2015, p. 94).⁵

No caso dos francos, historiadores – por intermédio da análise histórica de sucessivas interações entre romanos e francos a partir do século III — vêm argumentado que a etnogênese franca é indissociável da interação entre os romanos e os próprios francos. A inserção de francos em território romano na condição de *foederati*, bem como ascensão de líderes francos a cargos administrativos do Império, permitiu uma relação na qual foi transposta os limites que separavam francos de Roma e da cultura latina, sendo forjada uma identidade própria que pode ser considerada franco-romana. Desse modo, os francos não foram absorvidos pelos romanos, mas também não se mantiveram como “bárbaros”, de modo que o fim do Império Romano do Ocidente representou, nas Gálias, sob a ascensão da dinastia merovíngia, a formação de uma nova ordem sociocultural, franca e romana ao mesmo tempo (Freitas, 2014, p. 75).

Nesses termos, dada a relação institucional já existente entre romanos e francos, o processo de formação do reino franco a partir de Quílderico e Clóvis não pode ser reduzido a uma campanha de conquista que subjugou os romanos e suprimiu o poder imperial nas Gálias. Além disso, a principal fonte de autoridade pública de Clóvis e de seus sucessores imediatos não era militar, mas sim ancorada em uma relação estreita com as práticas, com as hierarquias e com os símbolos da romanidade (Cândido da Silva, 2008, p. 63).

Evidências escritas sobre Quílderico

Basicamente, temos conhecimento apenas de uma tradição narrativa sobre a vida de Quílderico, que foi apresentada por Gregório de Tours, em finais do século VI, no segundo livro dos *Decem Libri Historiarum*. A narrativa serviu de base para cronistas posteriores, que se apropriaram do núcleo dos fatos com a incorporação, por vezes, de

⁵ Nesse artigo, optamos pelo uso da expressão “grupos germânicos” como denominação ampla para não romanos originários da Europa Central. Quando utilizamos o termo “bárbaro”, o fazemos entre aspas, alertando ao leitor da conotação pejorativa que pode recair sobre o termo, como expressão generalizante utilizada por gregos e romanos para definir o outro. Ainda, em contraste com termos antigos utilizados para denominar não romanos, como *ethnos*, *natio* e *gens*, a utilização moderna de termos como “povo” e “tribo” pode não ser a mais apropriada, por manifestar sentido de grupo racial e cultural homogêneo, no caso de “povo”, ou manifestar noção de primitivo, no caso de “tribo”. Michael Kuliowski (2008, p. 75) descreve “grupo” como termo mais apropriado. *Germani* foi uma designação ampla utilizada por romanos a fim de definir grupos, mais ou menos coesos, que habitavam uma área da Europa Central entre o Reno, o Danúbio e o Mar do Norte. O termo foi utilizado por Tácito na escrita de sua obra, *De origine et situ Germanorum*, na qual apresentou ao público romano do século I hábitos e características dessas *gentes*.

outros elementos descritivos. Tais versões estão presentes nas *Crônicas de Fredegário*, datadas do século VII, e no *Liber Historia Francorum*, composta no século VIII. Além disso, uma epístola do bispo Remígio de Reims, destinada a Clóvis, é relevante para o entendimento da relação entre Quílderico e o poder imperial no Oriente.

Os *Decem Libri Historiarum* é a obra que mais fornece informações quanto à Gália merovíngia do século VI. Aborda, ao longo de 443 livros, eventos que vão da criação da Igreja por Cristo até episódios da realeza merovíngia do início da década de 590. Embora a obra seja centrada nos francos, é provável que o autor tenha destinado seus esforços na construção de uma história da sociedade cristã.⁶ Não se pode ignorar que Gregório viveu na sociedade franca. Pertencente a uma família de origem senatorial, Gregório nasceu em Clermont, em 538, e ascendeu à posição de bispo de Tours em 573, tendo convivido com muitos dos reis, santos e mártires presentes em sua obra (Cândido da Silva; Mazetto, 2006, p. 91-92). Provável consequência da observação dos fatos pelo próprio autor, a obra se caracteriza pela narrativa mais ampla nos primeiros livros, e na medida em que avança a temporalidade, os volumes se tornam sucessivamente mais ricos em detalhes. Sendo as últimas décadas do século VI mais detalhadas.

Composto no século VIII, o *Liber Historiae Francorum*, de autoria anônima, apresenta os fatos iniciais da realeza franca a partir de um resumo dos livros de Gregório. O fato de os relatos e os personagens da Austrásia serem suprimidos em detrimentos da narrativa de acontecimentos leva-nos a crer que o autor era partidário dos interesses políticos das elites da Nêustria, a porção ocidental do reino franco. Ainda, é utilizada a denominação "franco" para os habitantes da Nêustria, enquanto os habitantes da Austrásia são denominados austrasianos ou ripuários, o que denota o conflito entre as diferentes aristocracias francas no século VIII (Bachrach, 1973, p. 9-10).

Já as *Crônicas de Fredegário*, um conjunto de livros atribuídos a *Fredegarius Scholasticus*, são datadas do século VII, tendo sido compostas, provavelmente, no seio da aristocracia da Austrásia, sendo seu manuscrito mais antigo oriundo de Metz ou da Burgúndia. Ao contrário das *Histórias* de Gregório, as *Crônicas* apresentam uma maior preocupação com temas laicos e devem ter sido utilizadas pela aristocracia para defender seus interesses em face da ação dos reis (Cândido da Silva; Mazetto, 2006, p. 97-98).

⁶ A obra de Gregório de Tours também é conhecida pelo título *Historia Francorum*, sendo tal designação atribuída a partir do período carolíngio (Goffart, 1987, p. 56). Marcelo Cândido da Silva e Milton Mazzeto Junior (2006, p. 95) argumentam que a utilização do título original é mais apropriada, pois manifesta a vontade original do autor e evita o reducionismo de interpretar o documento como uma "história nacional da França".

Dadas estas considerações, apresentaremos a trajetória de Quilderico a partir do núcleo original de Gregório de Tours, com as devidas considerações acerca de inserções por autores posteriores.

A trajetória de Quilderico é apresentada no segundo livro dos *Decem Libri Historiarum*. Como se sabe, trata-se de um recorte temporal anterior a Gregório. Para abordar esses fatos passados, o autor lançou mão de documentos conhecidos em seu tempo a fim de subsidiar a narrativa da origem dos francos, dentre os quais podemos citar as *Histórias* de Frigério e Sulpício Alexandre, cujos manuscritos não foram localizados. Dessa forma, é provável que a tradição transmitida por Gregório seja uma derivação de narrativas produzidas por cronistas do século V.

A vida de Quilderico, por Gregório, pode ser dividida em quatro núcleos. Inicialmente, o autor insere o rei na linhagem merovíngia, ao atribuir sua ascendência a Meroveu e Clódio.⁷ A passagem descreve o que seria a constituição inicial do território que viria a se tornar o reino merovíngio, a partir de uma ação militar do avô de Quilderico. As passagens do *Liber Historiae Francorum* (5) e das *Crônicas de Fredegário* (II, 9) seguem, *grosso modo*, a narrativa de Gregório, embora ambas adotem um tom de maior prestígio para a ação militar contra os romanos. Vejamos o que disse Gregório (*Decem Libri Historiarum*, II, 9):

[...] dizem que Clódio, homem de alta linhagem e de notável habilidade entre seu povo, foi rei dos francos e que viveu no castelo de Duisburgo, no território da Turíngia. Nessas partes – ou seja, mais ao sul – os romanos ocupavam o território até o rio Loire. Além do Loire, os godos comandavam. Os burgúndios, que acreditavam na heresia ariana, viviam do outro lado do Ródano, que atravessa a cidade de Lyon. Clódio enviou espiões à cidade de Cambrai. Quando eles descobriram tudo o que precisavam saber, ele mesmo foi, derrotou os romanos e tomou a cidade. Viveu lá apenas por um curto período e então ocupou o território até o rio Somme. Alguns dizem que Meroveu, pai de Quilderico, descendia de Clódio.

O segundo momento diz respeito ao casamento de Quilderico com Basina e o nascimento de Clóvis. Gregório relata que a postura voluptuosa de Quilderico com as filhas de seus súditos havia despertado a ira dos francos. O rei, então, foi forçado a se refugiar no reino da Turíngia, sob a tutela do Rei Basino e de sua esposa, Basina. Tendo deixado um aliado entre os francos a fim de sinalizar o apaziguamento dos ânimos de seus súditos, ele retornou após oito anos. Basina abandonou o reino da Turíngia e se

⁷ Narrativas mais elaboradas sobre a origem dos francos foram tecidas no *Liber Historiae Francorum* (I) e nas *Crônicas de Fredegário* (II, 4-5), nas quais é verificada a lenda da origem troiana dos francos. Tal narrativa afirma que Príamo teria sido o primeiro rei franco após o fim da guerra de Troia. Ian Wood (1994, p. 35) considera que as narrativas dos autores pode ser uma resposta às origens lendárias reclamadas pelos godos, desenvolvidas por Cassiodoro e Jordanes. De todo modo, a emergência de tais narrativas, que coincidem com a consolidação do *Regnum Francorum*, demonstra a tentativa de legitimação da dinastia merovíngia aos moldes da origem dos romanos descrita por Virgílio, na *Eneida*.

juntou a Quilderico, união que originou Clóvis (*Decem Libri Historiae*, II, 12). A passagem do casamento de Quilderico e Basina foi reapropriada, nas *Crônicas*, com a descrição de visões de animais tidas por Quilderico por ocasião da noite de núpcias. Tal inserção seria uma explicação para um sentimento de degeneração dos descendentes de Quilderico no momento de escrita das *Crônicas* (Wood, 1994, p. 39).⁸

Importante ressaltar que, no período no qual Quilderico esteve na Turíngia, os francos teriam escolhido um novo governante, de nome Egídio, sendo este de origem romana.

[...] Quilderico partiu então para a Turíngia e refugiou-se com o rei Basino e a sua esposa Basina. Assim que Quilderico partiu, os Francos escolheram unanimemente como seu rei o mesmo Egídio que, como já disse, fora enviado de Roma como comandante dos exércitos. Depois de Egídio ter reinado sobre os francos durante oito anos, o fiel amigo de Quilderico conseguiu pacificá-los secretamente e enviou mensageiros ao exilado com a metade da moeda partida que possuía. Por este sinal, Quilderico soube com certeza que os francos o queriam de volta, mais ainda, que clamavam pelo seu regresso, e partiu da Turíngia e foi restaurado ao seu trono [...] (*Decem Libri Historiae*, II, 12).

Gregório não dá pistas sobre a natureza da recolocação de Quilderico como rei dos francos, mais precisamente acerca da existência ou não de conflito com o romano Egídio. O autor do *Liber Historiae Francorum*, por outro lado, adicionou à narrativa pontos que exprimem o descontentamento dos francos com Egídio, sendo o romano definido como uma má escolha por parte dos francos (7). Cabe mencionar que Gregório não estava preocupado em narrar uma relação pacífica entre romanos e francos. Sua narrativa sobre a formação do reino a partir de Clódio sugere que o território das Gálias, no século V, esteve em constante reorganização sobre a existência de diferentes realezas. A relação ambígua com os romanos continua no relato posterior.

No terceiro núcleo da vida de Quilderico, são abordadas as batalhas das quais o rei participou. Embora Gregório cite apenas a morte de Egídio, o autor do *Liber Historiae Francorum* potencializou a narrativa de belicosidade entre romanos e francos ao colocar Egídio como alvo direto das investidas de Quilderico.

Quilderico travou uma batalha em Orleães. Odoacro, com os seus saxões, penetrou até Angers. Uma grande peste causou a morte de muitas pessoas.

⁸ A passagem está no livro II, capítulo 12 das *Crônicas*. Abstendo-se do ato sexual, Quilderico teria se levantado e observado, no pátio, animais semelhantes a leões, unicórnios e leopardos. Tendo levantado novamente, teria visto ursos e lobos deitados. Na terceira vez, avistou cães e animais menores em luta. A rainha, ao ouvir o relato do rei, então teria revelado: “nasce-nos um filho que terá o sinal e a semelhança da fortaleza do leão; os filhos deste terão o sinal da fortaleza do leopardo e do unicórnio. Depois, geram-se deles os que se assemelharão aos ursos e lobos em fortaleza e voracidade. O que viste em terceiro lugar, na partida, serão o esteio deste reino, que reinarão à semelhança de cães e bestas menores; semelhante será a sua fortaleza.” Assim, o cronista concluiu: “a multidão de bestas menores, que se digladiavam e rolavam, significa que os povos, sem temor dos príncipes, serão devastados uns pelos outros.”

Egídio morreu e deixou um filho chamado Siágrio. Após a morte de Egídio, Odoacro tomou reféns de Angers e de outros lugares. Os bretões foram expulsos de Bourges pelos godos e muitos foram mortos em Bourg-de-Déols. O conde Paulo, que tinha tropas romanas e francas sob o seu comando, atacou os Godos e deles saqueou despojos. Odoacro chegou a Angers, mas o Rei Quilderico ali chegou no dia seguinte: o conde Paulo foi assassinado e Quilderico ocupou a cidade. Naquele dia, a casa da igreja foi queimada num grande incêndio. Enquanto estas coisas aconteciam, uma grande guerra foi travada entre os Saxões e os Romanos. Os Saxões fugiram e muitos dos seus homens foram mortos à espada pelos Romanos que os perseguiam. As suas ilhas foram capturadas e devastadas pelos francos, e muitas pessoas foram mortas. No nono mês daquele ano, houve um terremoto. Odoacro fez um tratado com Quilderico e juntos subjugaram os Alamanos, que tinham invadido uma parte da Itália. (*Decem Libri Historiarum*, II, 18-19).

Naqueles dias, os francos tomaram a cidade de Agripina, no Reno, e chamaram-lhe Colônia. Mataram ali muitos romanos que eram partidários de Egídio. O próprio Egídio fugiu e escapou. Então, os Francos chegaram à cidade de Tréveris, no rio Mosela. Devastaram a terra e começaram a incendiar a cidade. Após estas coisas terem acontecido, Egídio, rei dos romanos, morreu. Siágrio, seu filho, reinou no seu reino; estabeleceu a capital do seu reino na cidade de Soissons. [...] (*Liber Historiae Francorum*, 8).

As passagens reforçam que Quilderico estava inserido em uma complexa rede de negociações e conflitos com outros reinos germânicos e autoridades romanas nas Gálias. Sendo não apenas sua capacidade militar, mas também sua habilidade em arregimentar alianças em certos contextos, essencial para manutenção de seu reino. Mas a questão colocada diz respeito à condição de Quilderico diante da autoridade imperial romana. O conflito relatado por Gregório com um conde de nome Paulo, bem como a tomada de Colônia e Tréveris, e a morte de Egídio, no relato do *Liber Historiae Francorum*, deixam uma questão: Quilderico foi um líder germânico à revelia do poder imperial?

O debate historiográfico sugere que Quilderico tenha mantido certo grau de cooperação com autoridades romanas, sobretudo no que diz respeito à defesa das Gálias em face dos visigodos. Edward James (1991, p. 69), por exemplo, estabelece que, diante da dubiedade do texto de Gregório – que deixa dúvidas quanto ter sido Quilderico, ou um terceiro, responsável pela morte do conde Paulo –, há a possibilidade de que, naquele tempo, de fato, os dois fossem aliados em face dos visigodos. É sabido, pelo relato de Gregório, que Paulo contava com tropas romanas e francas. Nesse contexto, é possível que as referidas tropas francas fossem subordinadas a Quilderico. Todavia, também é possível que se tratasse de outros francos não tributários do rei merovíngio, haja vista que os diferentes grupos francos só foram unificados no tempo de Clóvis.

Quanto à relação entre Quilderico e Egídio, outra autoridade romana na região, não temos motivo para duvidar que, pelo menos nos últimos anos de vida de Egídio, sua relação com o rei merovíngio não deva ter sido pacífica. Sobretudo, considerando que

seu filho, Siágrio, foi derrotado por Clóvis em 486, na Batalha de Soissons, o que denota a existência de conflitos passados.

Uma epístola enviada por Remígio, bispo de Reims, na oportunidade da ascensão de Clóvis após a morte de Quilderico, em 481, lança luz sobre o problema. Nela, o clérigo afirma: “um grande rumor chegou até nós, vós assumistes a administração da Bélgica Segunda. Isso não é novo, pois tu terás começado por ser aquilo que teus pais sempre foram [...]” (*Epistolae Austrasicae*, II). Dessa forma, reconhece que Clóvis detinha a titulação administrativa como governador da província romana, não apenas, que tal titulação havia sido herdada de seus antecessores, referindo-se a Quilderico também como governador da província. Considerando que Siágrio estabelecera seu poder em Soissons, assim como seu pai o fizera, dentro do território da Gália Bélgica, é possível que, ao assumir o poder, Clóvis já lidasse com uma força dissidente no interior do território administrado. Além disso, embora de origem romana, é provável que Siágrio tenha se afastado da influência imperial ao optar por uma aproximação com os visigodos arianos, tendo Quilderico e Clóvis representado os interesses de Constantinopla nas Gálias. Esses dados podem ser observados, por exemplo, quando da investida de Clóvis, ocasião em que Siágrio se refugiou no reino de Alarico II (Cândido da Silva; Mazetto Júnior, 2006, p. 49-50).

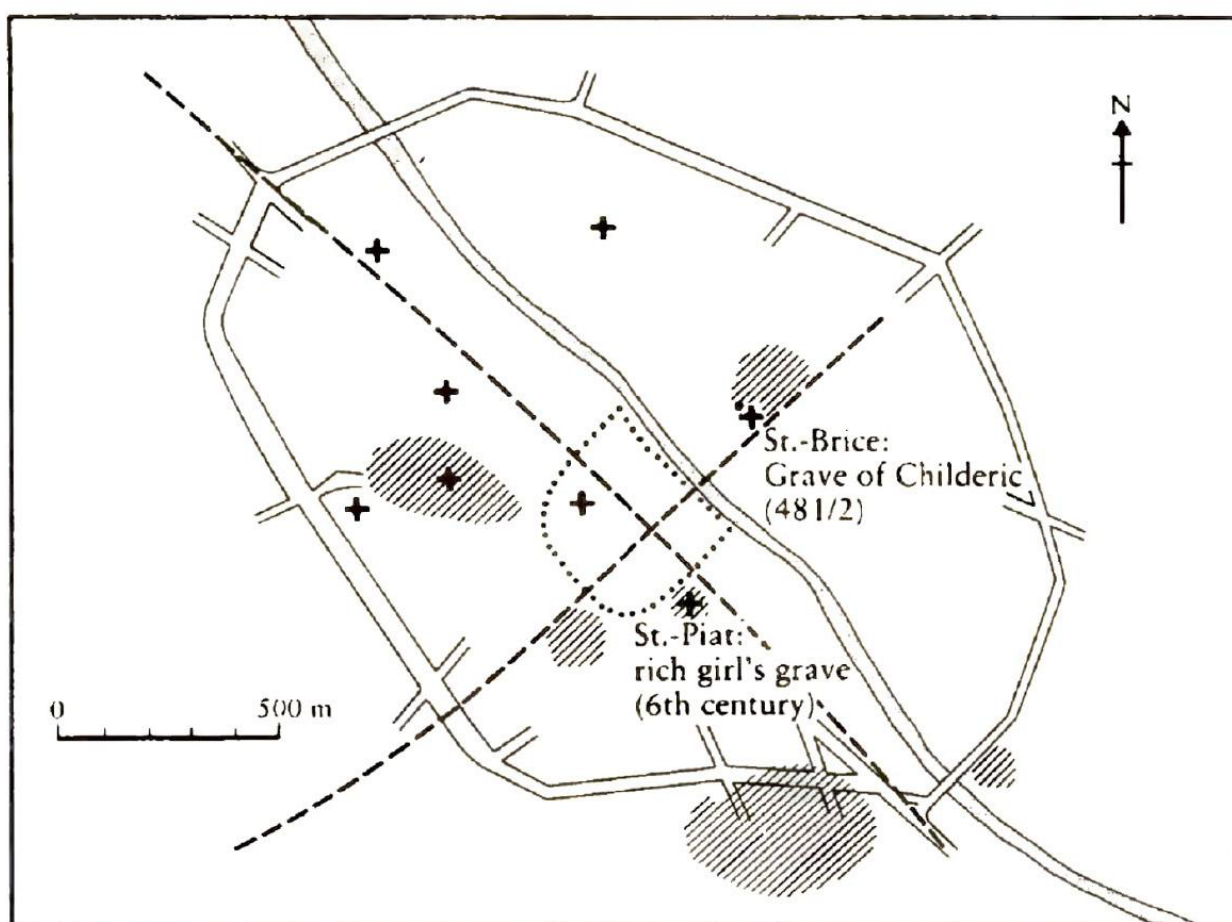
O quarto e último núcleo da vida de Quilderico registra sua morte e a ascensão de Clóvis (*Decem Libri Historiarum*, II, 27). Os primeiros registros da vida do novo rei são direcionados ao conflito direto com Siágrio, o que denota a urgência do tema para a manutenção da dinastia merovíngia.

Evidências arqueológicas sobre Quilderico

Artefatos do enterramento de Quilderico foram encontrados em 1653, próximo à Igreja de Saint-Brice, na cidade Tournai, ocasião em que eram realizadas obras de fundação de uma edificação militar. Os objetos encontrados foram rapidamente dispersados, sendo posteriormente reunidos sob esforço do duque Leopold-William, governador da Espanha Holandesa. O duque encomendou ao estudioso Jean-Jacques Chifflet de Besançon uma investigação, a fim de delimitar a origem do material recolhido. A partir de evidências, como a existência de um anel de sinete com a inscrição CHILDERICI REGIS, bem como de moedas em nome do imperador Zenão, concluiu-se se tratar de tesouro vinculado ao rei franco Quilderico. Em 1655, Jean-Jacques Chifflet publicou suas conclusões na obra *Anastasis Childerici I. Francorum regis, sive thesaurus sepulchralis Tornaci Nerviorum effossus*. Os artefatos recuperados foram levados pelo duque para Viena e, após sua morte, em 1662, os objetos passaram a compor a coleção do imperador Leopoldo I. Em

1665, os objetos foram oferecidos a Luís XIV como relíquias da primeira dinastia francesa. O material foi acondicionado na Coleção Real do Palácio do Louvre, e após a Revolução Francesa foi transferido para a Biblioteca Imperial. Contudo, em 1831, os artefatos de Quílderico foram furtados e vários objetos de ouro, como o anel de sinete em nome do rei, uma pulseira maciça e uma fíbula foram fundidos. Outra parte dos objetos foi dispensada e armazenada em sacos no rio Sena, sendo posteriormente recuperados, tratando-se, em sua maioria, de objetos de ouro no estilo *cloisonné* (Calligaro; Kazanski; Périn, 2022, p. 72).

Figura 1 – Plano da cidade tardo-antiga de Tournai, com destaque para o local de enterramento de Quílderico



Fonte: James (1991, p. 59).

Em razão da obra de Jean-Jacques Chifflet, que dispõe não apenas da descrição dos objetos, mas também de ilustrações, é que atualmente temos notícia dos objetos encontrados fortuitamente nas escavações de 1653. Michel Kazanski e Patrick Périn (1988, p. 14-18) consideraram adequada a classificação dos objetos encontrados em dois grupos. Objetos de vestuário e armamento, que englobam, por exemplo, o anel de sinete, um anel sigilar e uma pulseira de ouro maciço; bem como uma lança, um

machado do tipo *francisca*, uma espada longa com guarda e pomo em estilo *cloisonné*, além de uma bainha e um punho que, presume-se, seja uma lâmina do tipo *scramasax*. Os demais objetos, por sua vez, fariam parte do instrumental de montaria do rei, como botões, fivelas e apliques.⁹

Em outra medida, certos objetos não classificados nos parâmetros acima também foram descobertos na mesma data. Dentre eles, um extenso tesouro monetário com cunhagens predominantemente originárias de Constantinopla, com referência a imperadores como Valentiniano III (425-455) e Zenão (476-491). A presença das moedas pode representar o apoio do imperador do Oriente a Quílderico em face dos visigodos (Kazanski; Périn, 1988, p. 20), o que corrobora a tese de que o monarca merovíngio foi partidário do poder imperial em face de Egídio e seu descendente.

A técnica complexa empregada nos artefatos *cloisonné*, por meio da inserção de gemas detalhadamente cortadas e inseridas em folhas de ouro, levou pesquisadores a tecerem algumas hipóteses. Dentre elas a de que os objetos teriam origem em oficinas de Constantinopla ou a possibilidade de que oficinas periféricas, no Ocidente, já emulassem os artefatos feitos na capital romana. Ou mesmo que Quílderico teria adquirido pelo menos parte dos objetos durante o período em que esteve na Turíngia, reino que mantinha contato com Constantinopla (Calligaro; Kazanski; Périn, 2022, p. 75-76). Abaixo, uma imagem dos poucos objetos restantes em estilo *cloisonné* do enterramento de Quílderico.

⁹ É provável que certos objetos associados ao túmulo de Quílderico tenham sido, de fato, encontrados em enterramentos adjacentes, a exemplo de uma bola de cristal possivelmente pertencente a uma tumba feminina (James, 1991, p. 60-61).

Figura 2 - Fragmentos do punho e da bainha da espada de Quilderico (acervo da Biblioteca Nacional da França)



Fonte: Calligaro; Kazanski; Périn (2022, p. 75).

Um dos objetos mais discutidos do acervo de Quilderico é o anel de sinete com as inscrições *CHILDERICI REGIS*. O objeto demonstra a mistura de elementos culturais, sendo o anel de sinete, por si só, um artefato de origem romana (James, 1991, p. 61). Quilderico é representado frontalmente, da metade do corpo para cima. Segura a direita uma lança, que simboliza autoridade. Usa uma armadura representada por quadrados pontilhados e tem um manto cerimonial sobre os ombros, os cabelos são longos, tipicamente como os líderes francos. A representação de Quilderico foi amplamente influenciada pela iconografia das moedas de ouro da época (Salün, 2008, p. 220).

Figura 3 - Ilustração de Charles-Aimé Dauban feita no século XIX, com base em impressão do anel de Quilderico conservada na Bibliothèque Sainte-Geneviève, Paris



Fonte: Salün (2008, p. 221).

Novas empreitadas arqueológicas conduzidas por Raymond Brulet em Tournai, a partir de 1983, revelaram, nas proximidades do túmulo de Quilderico, restos ósseos de pelo menos vinte e um equinos. A proximidade com a sepultura, a posição estratigráfica e datações por radiocarbono sugerem que os esqueletos têm relação com o sepultamento do monarca merovíngio. Dentre as possibilidades, supõe-se que os animais fizessem parte das fileiras da cavalaria do rei, ou mesmo que tais animais tenham sido especialmente selecionados para o ritual (Hanot *et al.*, 2020, p. 2). Sabe-se que o enterramento junto aos animais de combate era ritual prestigioso entre notórios guerreiros de origem germânica, conhecendo-se a existência de outros enterramentos semelhantes (James, 1991, p. 63).¹⁰

¹⁰ Há, por exemplo, uma sepultura descoberta na região da Morávia, datada por volta do ano 500, em que cinco cavalos foram enterrados em volta de um líder guerreiro (Lebecq, 2006, p. 276).

Cabe ressaltar, no entanto, que se desconhece, na Antiguidade Tardia e início do Medievo, o enterramento de um líder germânico com tamanha suntuosidade. Tal fato, leva-nos a um questionamento pertinente. O que levou Clóvis e seus correligionários a adotar um ritual de enterramento nos seguintes moldes? Guy Halsall (2017, p. 121-130) propõe que o uso de bens luxuosos em cerimônias de enterramento tem relação com períodos de instabilidade social e política. Assim, a cerimônia de Quilderico serviria como retrato visual do prestígio e *status* da linhagem merovíngia em tempos nos quais a sucessão de poder não era completamente assegurada. Clóvis teria utilizado o enterro de seu pai para recriar uma teia de relações sociais e consolidar seu direito de sucessão, sobretudo diante da ameaça de Siágrio. Para sustentar sua leitura, Halsall defende a ideia de que o reino merovíngio foi originário não de uma força germânica federada, mas de forças romanas locais que passaram por um processo de ressignificação de suas identidades, vindo a adotar uma identificação franca.

Concordamos com a interpretação de que Clóvis deva ter feito uso político do enterramento de seu pai em um momento de incertezas. Contudo, entendemos que o século V, nas Gálias, apresenta um cenário diverso e fluido no que diz respeito às identificações étnicas de diferentes grupos, sendo, portanto, difícil definir a origem das forças francas como exclusivamente romanas ou germânicas. O que parece, de fato, é que a realeza merovíngia emerge a partir das duas influências, o que não permite excluir que Quilderico e seus antecessores detivessem o controle de um grupo guerreiro de origem não necessariamente romano.

O que podemos constatar é que a legitimidade de Quilderico e de sua descendência atestada por meio do enterramento se deu a partir da manifestação de uma autoridade guerreira com moldes na tradição germânica. Em outros termos, embora os objetos do túmulo de Quilderico manifestem suas influências romanas ou mesmo permitam interpretar o exercício de algum cargo na administração imperial, a legitimação de Clóvis diante de uma aristocracia guerreira e a consequente consolidação de seu poder se deram através da manifestação do monarca como um líder guerreiro de tradições germânicas.

Além disso, cabe destacar que, embora o túmulo de Quilderico tenha sido descoberto nas proximidades da Igreja de Saint-Brice, na época do enterramento o local era um cemitério merovíngio, porém sem a presença de edifícios cristãos. Mesmo que a igreja seja mencionada em fontes escritas apenas no século IX, dados arqueológicos indicam vestígios de uma igreja pré-românica que pode ser datada do século VII (Lebecq, 2006, p. 276). Tais evidências permitem inferir que o local de sepultamento de Quilderico e de outros merovíngios foi posteriormente ressignificado e que a consolidação do

cristianismo niceno, adotado a partir de Clóvis, influenciou no significado atribuído pela realeza merovíngia a seus antepassados.

Considerações finais

O conjunto de documentos analisados aponta para a complexa situação nas Gálias no século V, na qual Quilderico estava inserido. As fontes documentais ancoradas, primordialmente, em uma tradição narrativa identificam o rei como pertencente a uma linhagem merovíngia, oriunda da Turíngia, cuja inserção a oeste do Reno permitiu a formação de um reino na região da Gália Bélgica. No centro dessas questões, a tradição, a partir de Gregório de Tours, apresenta uma relação ambígua entre francos, romanos e outros grupos, sendo o conflito bélico o recurso muitas vezes utilizado para a solução de querelas. Por outro lado, o conteúdo da epístola do bispo Remígio a Clóvis lança outra perspectiva sobre Quilderico e atenta para o fato de que o monarca merovíngio poderia estar investido de funções típicas da administração romana. A serviço do poder imperial emanado do Oriente, Quilderico atuou não apenas em face dos visigodos, professantes da fé ariana, mas também de lideranças romanas dissidentes e outros grupos que ameaçavam a ordem galo-romana.

Nesta seara, a interpretação dos achados arqueológicos do enterramento de Quilderico traz um rico arcabouço documental para o debate. A opulência dos objetos de ouro encontrados no túmulo é marcada sobremaneira pela miscelânea de objetos que manifestam diferentes influências culturais. Se, por um lado, o bracelete maciço de ouro sinaliza um item tipicamente germânico, por outro, a fíbula era um utensílio romano para fixação da toga ou do manto imperial. Se o machado do tipo *francisca* é sabidamente um item do guerreiro franco, o anel de sinete representa uma insígnia romana. Podemos concluir que a presença de influências romanas e germânicas que permearam a etnogênese franca no século V tem por arquétipo a figura de Quilderico.

Assim, entendemos que os termos étnicos não são classificatórios, mas operacionais. Que a etnicidade não é inata, mas uma “prática étnica” que reproduz teias e mantém grupos unidos. Que as manifestações étnicas se manifestam na esfera cultural, mas também política (Pohl, 1998, p. 18). Há de se observar como os símbolos foram manejados por Quilderico e seu sucessor a fim de legitimar a dinastia merovíngia.

O conjunto manifesto no enterramento de Quilderico, inclusive os numerosos cavalos, demonstra que, se no âmbito do império importava a Quilderico a relação com o império e o exercício de uma possível função administrativa, em termos locais prevalecia a legitimação perante a própria aristocracia franca. A forma pela qual o

enterramento foi organizado indica que a autoridade da dinastia do monarca estava amparada na manifestação pública de uma tradição guerreira germânica. Em outras palavras, o enterro de Quílderico aos moldes de um chefe guerreiro germânico foi a forma mais viável, do ponto de vista político, de afirmação de Clóvis como sucessor de uma dinastia vitoriosa.

Referências

Documentação textual

EPISTOLAE AUSTRASICAЕ. Edited by W. Gundlach. Berlin: Weidman, 1892.

FREDEGARIUS SCHOLASTICUS. *Chronicarum libri IV cum continuationibus*. Edited by B. Krusch. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1888.

GREGORIUS TURONENSIS. *Decem libri historiarum*. Translated with an introduction by Lewis Thorpe. London: Penguin, 1974.

LIBER HISTORIAE FRANCORUM. Edited and translated with an introduction by Bernard S. Bachrach. Lawrence: Coronado Press, 1973.

Obras de apoio

CALLIGARO, T.; KAZANSKI, M. M.; PÉRIN, P. The grave of King Childeric I (481/482). In: JIŘÍK, J. et al. (ed.). *Royal insignia of Late Antiquity from Mšec and Řevničov: magnificent finds from the Migration Period from Central Bohemia*. Rakovník: Muzeum T. G. V., 2022, p. 72-79.

CÂNDIDO DA SILVA, M. *A realeza cristã na Alta Idade Média: os fundamentos da autoridade pública no período merovíngio (séculos V-VIII)*. São Paulo: Alameda, 2008.

CÂNDIDO DA SILVA, M.; MAZETTO JUNIOR, M. A realeza nas fontes do período merovíngio (séculos VI – VIII). *História Revista*, v. 11, n. 1, p. 89-119, 2006.

FREITAS, E. C. *Gregório de Tours e a sociedade cristã na Gália dos séculos V e VI*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

GEARY, P. J. The crisis of European identity. In: NOBLE, T. F. X. (ed.). *From Roman provinces to Medieval Kingdoms*. New York: Routledge, 2006, p. 27-34.

GOFFART, W. From *Historiae* to *Historia Francorum* and back again: aspects of the textual history of Gregory of Tours. In: NOBLE, T. F. X.; CONTRENI, J. J. (ed.). *Religion, culture and society in the Early Middle Ages*. Kalamazoo: Western Michigan University, 1987, p. 55-76.

- HALSALL, G. Childeric's Grave, Clovis' succession, and the origins of the Merovingian Kingdom. In: MATHISEN, R. W.; SHANZER, D. (ed.). *Society and culture in Late Antique Gaul: revisiting the sources*. New York: Routledge, 2017, p. 116-133.
- HANOT, P. *et al.* Reconstructing the functional traits of the horses from the tomb of King Childeric. *Journal of Archaeological Science*, n. 121, p. 1-12, 2020.
- JAMES, E. *The Franks*. Cambridge: Blackwell, 1991.
- KAZANSKI, M.; PÉRIN, P. Le mobilier funéraire de la tombe de Childéric Ier: état de la question et perspectives. *Revue Archéologique de Picardie*, n. 3-4, p. 13-38, 1988.
- KULIJOWSKI, M. *Guerras góticas de Roma*. São Paulo: Masdras, 2008.
- LEBECQ, S. The two faces of King Childeric: History, Archaeology, Historiography. In: NOBLE, T. F. X. (ed.). *From Roman provinces to Medieval Kingdoms*. New York: Routledge, 2006, p. 272-287.
- MACHADO, C. A. R. A antiguidade tardia, a queda do Império Romano e o debate sobre o "fim do mundo antigo". *Revista de História*, n. 173, p. 81-114, 2015.
- POHL, W. Conceptions of ethnicity in Early Medieval Studies. In: LITTLE, L. K.; ROSENWEIN, B. H. (ed.). *Debating the Middle Ages: issues and readings*. Oxford: Blackwell, 1998, p. 13-24.
- SALÜN, G. Empreintes inédites de l'anneau sigillaire de Childéric Ier: état des connaissances. *Antiquités Nationales*, n. 39, p. 217-224, 2008.
- WOLFRAM, H. *The Roman Empire and its Germanic peoples*. Los Angeles: University of California Press, 1997.
- WOOD, I. *The Merovingian Kingdoms 450-751*. New York: Routledge, 1994.